



Viva a burrice

► **A insistência de Bolsonaro em cometê-las é uma das razões para se ter certeza de que a sua passagem pelo primeiro plano de nossa vida política será breve**

A pesar dos tempos bicudos em que vivemos, há uma maneira fácil de ganhar dinheiro: apostar que, na hora de tomar qualquer decisão, o capitão Bolsonaro fará uma burrice. O problema talvez seja encontrar quem aceite a aposta contrária. A ridícula ideia de nomear um filho como embaixador é mais um caso. Estava vago o posto de embaixador nos Estados Unidos e o que faz Bolsonaro? Sai-se com uma invenção tosca.

Perderia seu dinheiro quem apostasse que manteria o atual embaixador ou nomearia alguém à altura. Filho, desqualificado e em Washington, alguém imaginaria que o capitão fosse capaz de tanta burrice? Pois foi.

A relação que com ele guarda uma parte da elite a obriga a procurar algum sentido em suas patuscadas. Não é que apareceu um diretor da Confederação Nacional da Indústria para declarar que o filhinho embaixador faria milagres, alavancando as exportações brasileiras? Pode haver quem tente tirar leite de pedras, mas o fato permanece: foi mais uma burrice, das grossas.

E viva as burrices. A insistência do capitão em cometê-las é uma das razões para se ter certeza de que a sua passagem pelo primeiro plano de nossa vida

política será breve. Houve um momento em que era possível a Bolsonaro se tornar uma liderança respeitável, capaz de representar uma parcela significativa de nossa sociedade. Foi logo após a vitória no segundo turno da última eleição.

Àquela altura, um político inteligente poderia, até com facilidade, agregar outro terço do eleitorado àquele que escolhera o seu nome, constituído pelos menos politizados. Estava ao seu alcance chegar ao fim de 2018 tendo esse grupo a seu lado, o que o tornaria uma figura política de primeira grandeza. Bastava que não fosse o velho capitão Bolsonaro, sempre a fazer burrices... Mas era.

Completa seis meses de governo em situação frágil, com Sérgio Moro e a Lava Jato desmoralizados, e o horizonte nublado. Não por acaso, põem-se a assoviar no escuro, tentando afastar os fantasmas da insignificância e da impopularidade, fingindo-se animado com as chances de reeleição. Faz o mesmo que seu amigo Michel Temer, que se pavoneou como candidato “forte” durante uns três meses em 2017, para terminar assistindo à eleição pela televisão, escondido no Palácio do Jaburu.

As pesquisas mostram que Bolsonaro foi incapaz de expandir sua base de apoio desde a eleição. Os números da avaliação positiva que preserva sugerem que não conseguiu incorporar praticamente ninguém, nem entre aqueles que votaram em Fernando Haddad nem entre quem ficou indiferente a ambos.

São muitas as razões para tanto e uma delas é a burrice de Bolsonaro, que o faz achar que precisa dialogar apenas com seus eleitores, supondo que, com eles, ganha toda eleição. Ou então que, à custa

de mutretas como aquelas que o beneficiaram em 2018, conseguirá impedir a vitória de qualquer adversário.

O capitão, tudo indica, acredita que seu eleitorado é estável e homogêneo ideológico, constituído por gente movida a chavões primitivos. Esse pessoal existe, fantasiado de verde-amarelo, falando besteiras e seguindo perfis que disseminam idiotices na internet. Mas não passa de uma ínfima minoria, que se pode estimar em algo próximo a 10% da população.

Muito mais da metade dos eleitores que votaram em Bolsonaro nem sabe qual é sua ideologia, nunca ouviu falar em anticomunismo, antiesquerdismo ou bobagens do gênero. Acreditaram que o capitão entregaria, a curto prazo, três resultados palpáveis: a retomada do crescimento econômico, com mais renda e empregos, o aumento da segurança, com a derrota da criminalidade, e a regeneração dos costumes políticos. E se há hoje uma certeza é que nenhuma delas está em curso ou ocorrerá em seu governo.

É apenas uma questão de tempo para que o terço de apoio do capitão comece a minguar. Com a qualidade de sua turma e da liderança que exerce, não há hipótese de que consiga, em prazo razoável, entregar aquilo com que se comprometeu. A cada nomeação canhestra, a cada escolha despropositada de prioridades, a cada iniciativa sem pé nem cabeça, a possibilidade de que faça um bom governo fica mais remota e menor a sua sustentação.

Não será pequeno o custo social, nem bonito o espetáculo do fracasso administrativo do governo Bolsonaro, mas ele entrou em cartaz e logo estará à vista de todos. Graças, em grande medida, à burrice do capitão. •

colunistas@cartacapital.com.br